

DIÁLOGOS ENTRE AS ARTES, A EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DAS PRODUÇÕES DE LUÍS GAMA E DE ROSANA PAULINO

*DIALOGUES BETWEEN ARTS, EDUCATION AND HISTORY:
CONSIDERATIONS BASED ON THE PRODUCTIONS OF LUÍS GAMA AND
ROSANA PAULINO*

Thays Alves Costa

PPGHIS-UFES

Diego Ribeiro

PPGA-UFES

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em desenvolver um diálogo entre as artes, a educação e a história, contemplando as dimensões histórica e crítica das produções de Rosana Paulino e de Luís Gama. A primeira, artista contemporânea, apresenta em suas obras referências diretas à história do Brasil, como uma espécie de denúncia e de reparação do nosso passado tão violento e lastimável no contexto da escravidão. Já o advogado e poeta Luís Gama foi um dos personagens importantes do movimento abolicionista brasileiro, sendo um dos responsáveis por estabelecer estratégias jurídicas para a libertação dos escravizados, além de desenvolver uma rica obra literária, como o livro de poemas “As Primeiras Trovas Bulescas de Getulino”, de 1859. Desse modo, este artigo vai apresentar o ato de resistência por meio da poesia de Luís Gama e do desejo de reparação na arte de Rosana Paulino, que demonstram a importância do estudo desses personagens na educação básica.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Abolicionismo; Luís Gama; Rosana Paulino; História do Brasil.

Abstract: *This article explores the dialogue between arts, education, and history, contemplating the historical and critical dimensions of Rosana Paulino and Luís Gama productions. The first, a contemporary artist, presents her works using direct references to the history of Brazil, as a kind of denunciation and historical reparation from our violent and regrettable past in the context of slavery. The lawyer and poet Luís Gama was one of the important characters in the Brazilian abolitionist movement, being one of those responsible for establishing legal strategies for the liberation of the enslaved, in addition to that he developed a rich literary work, such as book of poems: As Primeiras Trovas Bulescas de Getulino, from 1859. Thus, this article will present the act of resistance through Luís Gama's poetry and the desire for reparation in the art of Rosana Paulino, demonstrating the importance of studying these characters in basic education.*

Keywords: *Contemporary Art; Abolitionism; Luís Gama; Rosana Paulino; History of Brazil.*

Apresentação

A história do Brasil traz a marca indecorosa da escravidão. Vivemos em um país fundamentado e sustentado pela mão de obra do trabalhador negro que, no período escravocrata, trouxe seus costumes, sua cultura e sua religião do continente africano. Infelizmente, estamos falando de uma história que, por muito tempo, foi silenciada e marcada pela violência. Nesta breve consideração, temos como interesse mostrar parte significativa das obras de Luís Gama e Rosana Paulino que dão voz à história do escravizado, além de propor um diálogo entre as artes, a educação e a história, demonstrando a dimensão histórica de suas produções, a fim de destacar a importância de apresentar tais personagens em sala de aula como forma de valorizar a história afro-brasileira, em especial a do escravizado. Assim, com base no estudo dos poemas de Gama e na análise do trabalho de Paulino, enfatizamos o campo do conhecimento da história e sua influência nessas obras.

A construção deste estudo está dividida em três partes temáticas que dialogam sobre o contexto histórico e social da sociedade brasileira e destacam o teor político e artístico das obras apresentadas. Na primeira, buscamos construir um percurso biográfico que rememora experiências vividas por Luís Gama, associando-a à sua poesia e compreendendo, sobretudo, a vida do poeta como parte da história do Brasil. Gama apresenta partes significativas de suas vivências — uma história tão importante para o povo brasileiro — tanto em seus relatos para os jornais quanto em seus poemas. Estudar a obra de Gama ou ler seus versos consiste em construir conhecimento acerca de nossa história. Da mesma maneira, possibilita um estudo interdisciplinar, estabelecendo conexões prolíficas entre distintos campos de conhecimento, a exemplo da literatura e da história.

Na segunda parte, interpretamos a obra *Asentamento* (2013), de Rosana Paulino, como elemento de potência estética e de conhecimento histórico. Nela, a artista reflete acerca da cultura e da identidade afro-brasileiras — uma obra que pode ser compreendida como uma resignificação das fotografias produzidas por Auguste Stahl, cujo propósito era científico. A artista traz temáticas históricas em suas produções, além de discutir temas como identidade racial, gênero e representação negra nas artes. A dimensão histórica na arte de Rosana Paulino pode ser presenciada em outras obras, como *Bastidores* (1997), *Ama de leite* (2005) e *Pareda da memória* (1994-2015), com as quais rememora a história do Brasil e o contexto escravista, valorizando principalmente a mulher negra. Como consequência, propõe uma conexão entre arte e história, derrubando barreiras entre os diferentes campos do conhecimento.

As obras de Luís Gama e Rosana Paulino, ao apresentar parte da história do Brasil, consequentemente revelam detalhes do contexto da escravidão. Portanto, apresentar esses dois personagens na educação básica pode ser um meio de ampliar possibilidades interdisciplinares e proporcionar experiências que auxiliem os alunos a compreender tanto o passado quanto as problemáticas atuais. Dessa forma, compreendemos a importância do estudo, em sala de aula, sobre esses personagens, cujas obras se constituem como protesto e desejo de reparação, em especial, da história do escravizado. Entendemos suas criações como sendo capazes de proporcionar uma ampla reflexão sobre o processo de escravidão, as questões decoloniais, o racismo e a violência no contexto atual.

Luís Gama: resistência e poesia

O poeta Luís Gama (1830-1882) era filho de Luísa Mahin, importante referência feminina na

luta contra a escravidão que participou da Revolta dos Malês¹, em 1835. Ela esteve presente nesse momento tão importante para a história do Brasil e para o povo baiano, demonstrando a organização dos escravizados e o posicionamento de resistência. Segundo Carneiro, Luísa nasceu na África e foi trazida ao Brasil na condição de escrava, participando de revoltas negras na Bahia. No entanto, teve que fugir para o Rio de Janeiro, onde participou de outras rebeliões. Em 1861, Gama a homenageou com o poema *Minha mãe*, demonstrando a saudade dela e as lembranças de infância.

Em *Carta a Lúcio de Mendonça* (1880), ele revelou alguns aspectos físicos e da personalidade de Luísa. Em tom autobiográfico, afirmou “sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina, (Nagô de Nação) de nome Luíza Mahin², pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã” (GAMA *apud* FERREIRA, p. 304). Em trechos da carta, encontramos relatos sobre a história de sua mãe, como quando foi presa sob suspeita de participar de planos de insurreição de escravos, além de menção às profissões exercidas por ela. Para Ferreira, ele “construiu uma aura mítica em torno de sua mãe, personagem que ganharia uma espécie de destino próprio, ficcional ou não”. A autora afirma ainda que, apesar de muitos historiadores atribuírem a participação delas nas revoltas dos escravizados, Gama não confirmou isso em seus escritos (*idem*, p. 306). No poema *Minha mãe*, o poeta recordou:

Era mui bela e formosa,
Era a mais linda pretinha,

1 O levante formado por escravizados e libertos africanos, em sua maioria de religião islâmica, lutava pela liberdade. A revolta, organizada para acontecer no final do Ramadã, coincidiu com a comemoração cristã a Nossa Senhora da Guia. Tudo aconteceu muito rapidamente, já que o movimento foi denunciado, tendo como resultado muitos escravizados mortos e presos.

2 Grafia da época.

Da adusta Líbia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
[...]

Ela fingia o martírio
Nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados
Da liberdade eram mito,
No rosto a dor do aflito,
Negra a cor da escravidão (GAMA, 1861).

Quando Luísa partiu para a Corte, a vida de Gama mudou de forma trágica, pois foi vendido como escravo pelo pai. Segundo Alonso, ele saiu livre de Salvador e chegou como escravo no Rio de Janeiro. Autora do livro *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*, de 2015, Alonso tem como objetivo demonstrar as fases e estratégias do movimento abolicionista brasileiro, destacando a importância de personagens históricos ou protagonistas da luta contra a escravidão — sendo Gama, além de importante referência por se manifestar por meio da literatura e da defesa do direito, exemplo de resistência e responsável pela libertação de muitos escravizados³. Alonso também confirma a dimensão histórica da obra de Gama, que alude à linguagem ofensiva usada na época para se referir aos mestiços como “bodes”, por exemplo no trecho do poema *Quem sou eu?: “Se negro sou, ou sou bode. Pouco importa”* (GAMA *apud* ALONSO, 2015). Havia ainda o termo “cabra”, “de uso frequente no norte do Brasil, designativo do mestiço com mulato” (MOURA, 2005, p. 75), além

3 De acordo com Angela Alonso, em processos de liberdade, Gama defendia de graça negros escravizados. Temos, como exemplo, o caso de João Carpinteiro, defendido por Gama com base no artigo 8º da Lei do Ventre Livre, por meio do qual acusava que a falta de matrícula do indivíduo resultava na escravização ilegal. ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

das palavras “fulo”, “bode” ou “cabrito” para designar aqueles considerados inferiores aos olhos dos escravistas e de seus simpatizantes. O poeta clamava por igualdade: se somos “Gentes pobres, nobres gentes. Em todos há meus parentes” (GAMA *apud* ALONSO, 2015).

A própria vida de Gama mostra que a liberdade era algo frágil para o negro no Brasil. Segundo Campos e Sausen, havia uma fragilidade ou precariedade da liberdade no Brasil dos Oitocentos. O estudo das autoras expõe um caso específico de luta por liberdade, o processo de Delfino⁴. No entanto, podemos refletir sobre a fragilidade do conceito de liberdade do negro e do escravo no Brasil a partir de uma reafirmação de sua liberdade. No caso de Gama, quando criança, ele pouco pôde fazer para reivindicá-la, conseguindo confrontar seu “dono” apenas aos 18 anos, por meio da Lei de 7 de novembro de 1831 (Lei Feijó)⁵. Já Delfino recorreu à lei em um processo por direito de liberdade após ter a alforria, tendo que prová-la em meio à briga por herança entre João Carneiro da Silva e Joaquim José Gomes da Silva. O procurador Maurício

4 Segundo as autoras, trata-se de uma série de eventos que resultaram na petição levada ao Parlamento sobre a prisão ilegal de Delfino. Em meio a um caso mal resolvido de heranças (dois contendores alegavam a posse do dito escravizado), Delfino foi preso a caminho da capital do Império. A alforria, “concedida por José Gomes Castro no andamento do processo, não apenas rompia seu vínculo com a escravidão, mas também o colocava sob o novo estatuto de cidadão do Império”, mesmo assim, foi necessária uma luta judicial por sua liberdade. CAMPOS, Adriana P.; MOTTA, Kátia Sausen. Escravo até prove-se o contrário: petição do liberto Delfino à Câmara dos Deputados (1826). In: CAMPOS, Adriana Pereira; SILVA, Gilvan Ventura da; MOTTA, Kátia Sausen da (Org.). O espelho negro de uma nação: a África e sua importância na formação do Brasil. Vitória: Edufes, 2019, v. 1. p. 141-158.

5 Gama teve conhecimento da Lei de 7 de novembro de 1831 por meio de um amigo estudante de direito. A lei proibia o tráfico de escravos para o Brasil. Gama confrontou seu “dono” com uso da lei, pois havia nascido livre, e não encontrou resistência, conquistando sua liberdade.

Boom, encarregado do caso de Delfino, “lançava mão de pretensões de direitos ainda em discussão no país e usava de maneira muito hábil o conceito ‘liberdade’ como algo universal, apesar de pisar em solo resolutamente escravista” (CAMPOS; SAUSEN, 2019, p. 148), afirmando que a alforria garantiria o direito de liberdade e de cidadania (que incluía libertos) com base na Constituição de 1824. Ser negro livre em um país de regime escravista necessitava de luta diária, como vimos nos exemplos da vida de Delfino e de Gama. Sobre a condição de escravo, Gama escreveu *Saudades do escravo*, poema presente no livro *As Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, de 1859:

Escravo — não, não morri
Nos ferros da escravidão;
Lá nos palmares vivi,
Tenho livre o coração!
Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Deste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu — ficou-me lá!

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh’alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria,
O zunir do fero açoite (GAMA, 1859)

De certa forma, a poesia de Gama expressou essa fragilidade da liberdade, como no trecho “A liberdade que eu tive. Por escravo não perdi-a” (GAMA, 1859), sobre um nascido livre que se torna escravo. Além de demonstrar a condição de escravo e os castigos físicos, a exemplo dos trechos que descrevem as faces ensanguentadas e as carnes rasgadas, uma referência ao uso dos açoites. Os castigos cruéis eram uma realidade

e faziam parte do cotidiano do escravizado, sendo “abolidos” apenas no papel, com base em artigos da Lei do Ventre Livre (1871), sem se tornarem livres na prática. Podemos perceber isso pelo fato de integrantes do movimento abolicionista, em processos de libertação, utilizarem a proibição de castigos cruéis, como açoites, marcas de ferro quente e tortura. A educação e o conhecimento da lei foram fundamentais para o movimento abolicionista, como mostra Alonso, em *Flores, votos e balas*, e Campos e Sausen, em *Escravo até prove-se o contrário: petição do liberto Delfino à Câmara dos Deputados (1826)*.

Gama transformou a própria vida por meio da educação⁶, como vimos, conquistando sua liberdade com a Lei Feijó. Muitos advogados abolicionistas libertaram escravizados recorrendo às leis que não eram cumpridas, como as de 1831 e de 1871. Para Gama, o acesso à educação foi uma conquista aliada à sua amizade com os liberais e às profissões que exerceu — copista e escrivão, por exemplo, por meio das quais treinou a escrita, como afirmou Alonso. Segundo a autora, a amizade com um professor da Faculdade de Direito de São Paulo, que também era membro do Partido Liberal, possibilitou a entrada de Gama na imprensa. Mesmo assim, ele não conseguiu o diploma de ensino superior, uma frustração que desabafou em versos. A poesia de Gama pode proporcionar ao leitor uma aproximação de sua história de vida e do escravizado, assim como estabelecer uma nova percepção e sentimentos em relação à escravidão, como podemos perceber ao ler a respeito do acesso à educação que era negado ao escravizado:

Ciência e letras

Não são para ti

Pretinho da Costa

Não é gente aqui (GAMA apud ALONSO, 2015).

De acordo Lynn Hunt, a concepção de empatia por meio da leitura de romances possibilitava uma maior aproximação do leitor e de indivíduos excluídos, se pensarmos na condição das mulheres e dos infratores europeus no século XVIII. A autora estabelece uma conexão entre os personagens e a realidade, considerando a contribuição da literatura na construção da empatia, que proporcionou a criação dos direitos humanos. Ela percebe a empatia como universal, definindo-a como a capacidade “de compreender a subjetividade de outras pessoas e ser capaz de imaginar que suas experiências interiores são semelhantes às nossas” (HUNT, 2009, p. 39), consequentemente, se desenvolve através da interação social. Os leitores de romances “sentiam empatia além de fronteiras sociais tradicionais entre os nobres e os plebeus, os senhores e os criados, os homens e as mulheres, talvez até entre os adultos e as crianças” (Idem), de modo que passavam a ver outros indivíduos mesmo que de realidades distantes como semelhantes, se aproximando da ideia de igualdade.

Por outro lado, Alonso analisa a compaixão como um dos esquemas interpretativos da retórica da mudança no processo do abolicionismo brasileiro. Segundo Alonso, “a compaixão apelava à sensibilidade” (ALONSO, 2015) e o fim do escravismo ocorreu por meio de transformações econômicas, políticas e sociais, sendo que o modo de pensar e de sentir da população tiveram extrema importância nesse processo. A compaixão pelo escravizado poderia ser vista nos romances brasileiros ou nas poesias de Castro Alves e de Luís Gama, por exemplo. Os leitores acompanhavam histórias de escraviza-

6 Um momento importante na vida de Luís Gama foi a amizade com um estudante de direito que o ensinou a ler e escrever, além de lhe informar sobre a Lei de 7 de novembro de 1831 (Lei Feijó), que proibia o tráfico de escravos e tornava livres os africanos e seus filhos desembarcados no Brasil. Declarando-se livre, Gama afrontou seu dono, que não reagiu.

dos nobres e fiéis aos seus “donos”, que sacrificavam suas vidas para salvar o mocinho, como no livro *Úrsula*, romance original brasileiro. O Romantismo difundiu a compaixão pelo escravizado, auxiliando a moldar a sensibilidade abolicionista no momento em que acontecia o debate sobre a escravidão.

A contribuição da obra de Luís Gama para o movimento abolicionista pode ser considerada a partir da concepção de empatia de Hunt e de compaixão de Alonso. Partindo do princípio de empatia, a poesia de Gama aproxima o leitor das emoções vividas pelos escravizados, que poderiam percebê-lo como semelhante. Afinal, todos os indivíduos compartilham de sentimentos parecidos, como o amor, a indignação frente às injustiças, as dores das perdas, os conflitos existenciais. No desenvolvimento de compaixão de Alonso, a leitura de sua obra alcançaria a compaixão por via dos relatos de experiências, como nas situações de sofrimento e desumanas que eram impostas aos escravizados.

Gama apresenta partes significativas de sua vida — uma história tão importante para o povo brasileiro — tanto em seus relatos para os jornais quanto em suas poesias, que, além de demonstrarem algumas de suas experiências, também expressavam sua revolta contra a escravidão. Estudar a obra de Gama ou ler seus poemas consiste na construção de conhecimento acerca da história do Brasil. Da mesma maneira, possibilita um estudo interdisciplinar, estabelecendo conexões prolíficas entre os campos de conhecimento, como a literatura e a história.

Rosana Paulino: uma arte que traz história

Rosana Paulino (1967) é mulher negra, artista visual, educadora, pesquisadora e com formação acadêmica em Artes Visuais. Sua produção artística, assim como a obra de Luís Gama,

apresenta parte da história do Brasil e, consequentemente, o contexto da escravidão. Ela se dedica à discussão de temas como identidade racial, gênero e representação negra nas artes, destacando elementos de sua própria história e do povo brasileiro. Temos, como exemplos, as obras *Bastidores* (1997)⁷, espécie de denúncia da violência contra a mulher, e *Parede da memória* (1994-2015)⁸, em que mostra retratos de sua família como um estudo de suas origens. A dimensão histórica da obra de Rosana Paulino pode ser presenciada na série *Ama de leite*, de 2005. Na obra, a artista estabelece um desejo de reparação ao recordar-se de um papel que foi imposto à escravizada, convidando-nos a refletir sobre a escravidão e suas consequências na contemporaneidade.

Segundo Davis, “como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório” (DAVIS, 2017), como consequência, eram consideradas propriedade lucrativa, não indivíduos. No sistema escravista, a exploração do trabalho das mulheres negras — principalmente o trabalho nas fazendas (lavouras) e os ofícios domésticos — trouxe marcas persistentes para a sociedade contemporânea, com o racismo e o silenciamento da população negra. Sobre o trabalho doméstico feminino no contexto de escravidão, as escravizadas tinham funções

7 Na obra *Bastidores*, a artista apresenta fotografias (impressas em tecido) de mulheres negras como vítimas de violência e de preconceito na sociedade brasileira. Como forma de manifestar o silenciamento e a opressão impostos a essas mulheres, Rosana Paulino costurou partes do corpo, como bocas e olhos, nas fotografias. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/>.

8 A obra *Parede de memória* é composta por 1500 “patuás” (amuletos de proteção de religiões de matriz africana) com a impressão de retratos de família, como forma de investigação de sua identidade por meio da fotografia e da pesquisa de seus ancestrais. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br>.

como “cozinheira, arrumadeira ou *mammy*⁹ na casagrande” (Idem), que designava o cuidado das crianças, como a responsabilidade por sua alimentação, higiene e saúde, como também auxiliando as tarefas cotidianas de manutenção do lar. Para Davis, apenas ocasionalmente a mulher escrava era vista como mãe e esposa, uma vez que o papel que deveria exercer na sociedade do século XIX se resumia ao trabalho.

Tendo como princípio o trabalho no contexto contemporâneo, Davis acredita que as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de seus lares que as brancas, sendo uma reprodução de padrão iniciado no período escravista, que se reflete no fato do trabalho doméstico ter sido, em sua maioria, realizado por negras. A autora também destaca outras questões relativas ao trabalho, como os castigos físicos e as punições por seu não cumprimento, principalmente, nas lavouras. Além de discorrer a respeito de violências sexuais, lembrando o fato de as escravizadas serem constantemente vítimas de abusos sexuais pelos senhores. A visão dos senhores em relação às escravizadas “era regida pela conveniência” (Idem), se fosse lucrativo eram vistas como homens, desprovidas de gênero e vendidas como mão de obra. Sendo reduzidas a condição de fêmea nos casos de violência sexual.

A violência simbólica¹⁰ fazia parte da vida

9 Segundo Davis, *Mammy* foi uma personagem do livro *E o vento levou* (1936) que reforçava o papel da escravizada na sociedade estadunidense.

10 O conceito de violência simbólica diz respeito à violência de ordem emocional, moral e psicológica, sofrida pelo indivíduo e causada por instâncias legitimadas por hierarquias que foram determinadas através de relações de poder. Desse modo, nos espaços sociais (campo) existem configurações que determinam a atuação e o comportamento de cada indivíduo, estabelecendo limites, podendo manifestar-se de forma opressiva, por exemplo, no sistema escolar, incorporadas no discurso dos professores. Para Bourdieu,

das escravizadas, um exemplo foi a exaltação da maternidade nesse período, porém, elas não eram vistas como mães. Para Davis, aos olhos dos proprietários, as escravizadas eram reprodutoras, por sua vez, obrigadas a darem “luz tantas vezes quantas fosse biologicamente possível” (Idem) e, mesmo grávidas tinham que exercer o trabalho doméstico e no campo. Elas também sofriam ao verem seus filhos sendo vendidos, não tendo nenhum direito legal sobre eles. A autora apresenta, no livro *Mulheres, raça e classes* (2017), o contexto estadunidense, mas essa realidade se repetia no Brasil, como podemos presenciar nas obras de Rosana Paulino, que recorda fatos do sistema escravista.

Resumidamente, a tarefa de ama de leite, direcionada às escravizadas, consistia em amamentar os filhos das senhoras, além de exercer os ofícios domésticos. No entanto, a tarefa carregava uma série de implicações e de preconceitos dirigidos às mulheres negras, como a ideia de serem consideradas fortes e resistentes — direcionada ao empenho no trabalho braçal —, em oposição à fragilidade atribuída às senhoras brancas, um pensamento herdado pela colonização portuguesa. As escravizadas acabavam encarregadas de cuidar dos filhos das senhoras e, por vezes, as crianças acabavam passando mais tempo com as amas de leite do que com as próprias mães. Segundo Algranti, a ama de leite era uma atividade recorrente no Rio de Janeiro, Oitocentista. Sendo comum que elas se “afeioassem às crianças que alimen-

a “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020, p. 12.



tavam, pois eram quase sempre separadas de seus próprios filhos ou tinham que dividir o alimento destes, atendendo primeiro às crianças brancas” (ALGRANTI, 1993, p. 150), assim como influenciavam na educação das crianças. Não foi por acaso que Rosana Paulino dedicou uma série inteira às amas de leite.

Ama de leite consiste em uma série com técnicas artísticas mistas, como desenho, escultura e instalação. No desenho (2005), apresentado por Paulino em seu site, podemos perceber várias representações de seios e linhas (conectadas e saindo deles) que poderiam ser compreendidas como o leite que alimentou a população brasileira. Em tons semelhantes ao da terra, o desenho traz a inscrição (na parte superior) “seios com leite

e sangue II – ama de leite”. Em *Ama de leite I*, de 2005, a artista expõe uma escultura simbolizando o tronco das escravizadas com seis seios dos quais saem fitas de cetim branco, azul, rosa e vermelho, com pequenos bonecos brancos de plástico amarrados nas pontas das fitas e na cintura desse “corpo”. Com a escultura, Paulino mostra a funcionalidade do corpo da negra no período escravocrata: uma mulher que deveria alimentar os filhos dos brancos. Não vista como indivíduo de desejos, sonhos e emoções aos olhos dos escravistas, a figura da escravizada é representada (escultura) sem a cabeça e os membros (braços e pernas), denunciando a visão colonizadora que lhe atribuía a ideia de um ser cuja função imposta era a de servir ao seu dono.

Figura 1. Rosana Paulino. Assentamento, 2013. Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em: 22 de julho de 2021.



Figura 2. Rosana Paulino. Assentamento, 2013. Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em: 22 de julho de 2021.

Em *Assentamento*, de 2013, a artista imprimiu os retratos de uma mulher negra (frente, costas e perfil) feitos durante a expedição *Thayer* (1865), comandada pelo cientista Louis Agassiz. As imagens feitas por Auguste Stahl estão presentes no livro *Viagem ao*

Brasil: 1865-1866. A obra de Paulino pode ser considerada uma ressignificação da imagem de Stahl, cujo propósito era científico. Segundo a artista, “a figura, que deveria ser uma representação da degeneração racial a que o país estava submetido, segundo as

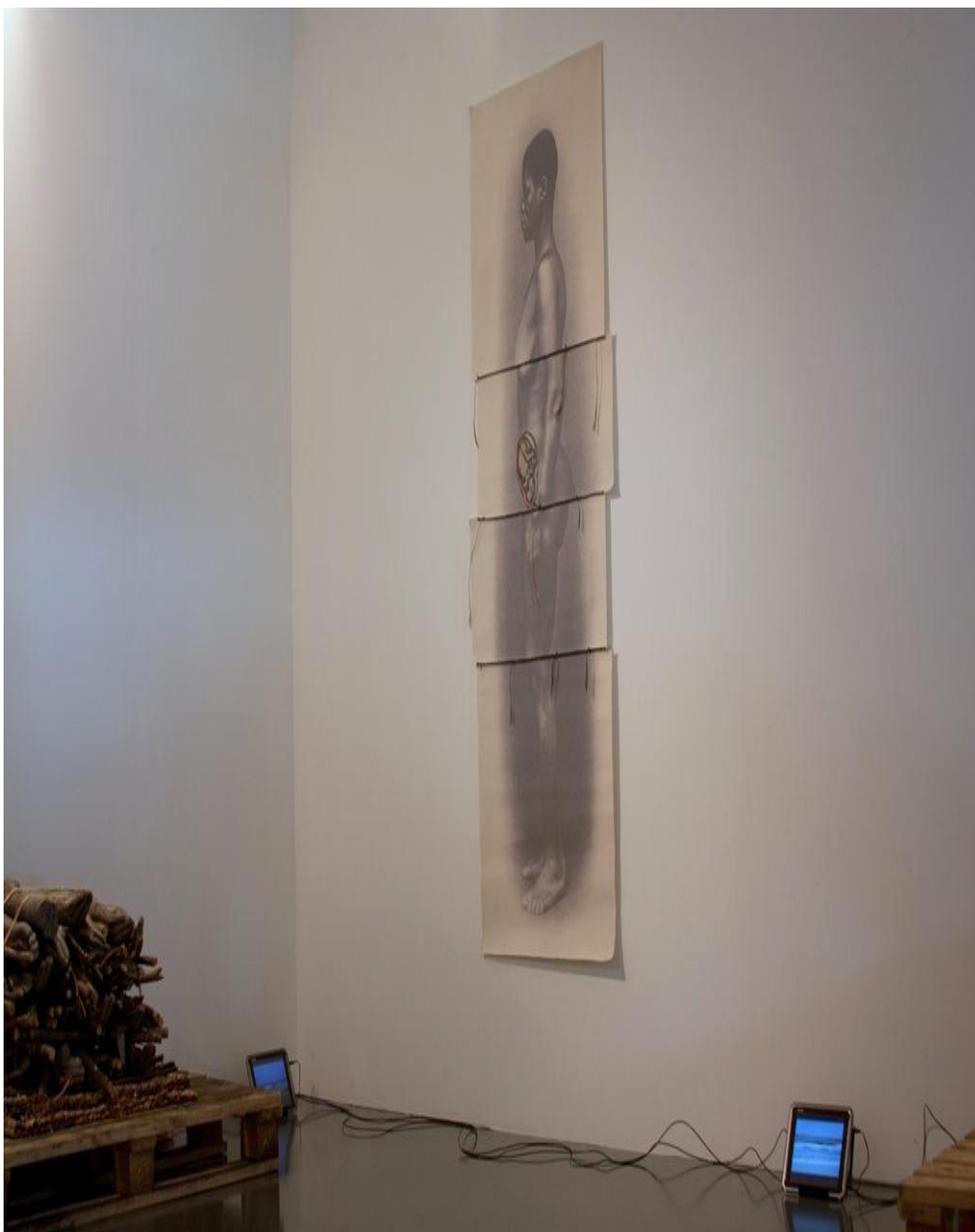


Figura 3. Rosana Paulino. Assentamento, 2013. Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/> Acesso em: 22 de julho de 2021.

teorias racistas da época, passa a ser a figura de fundação de um país, da cultura brasileira. Essa inversão me interessa” (PAULINO, 2018)¹¹. Ela considera que as fotografias de

Stahl e o estudo de Agassiz demonstram uma estereotipação da população negra.

Ainda sobre a obra, em tecido, ela imprimiu as fotografias em tamanho natural, de modo que

¹¹ Em entrevista à Pinacoteca de São Paulo. Disponível em:

<https://pinacoteca.org.br/programacao/rosana-paulino/>

possibilitou à artista cortar nas mesmas posições. O objetivo era reunir os recortes, mas com a costura feita de forma horizontal, associando-os a outras imagens, como um coração (figura 1) e um feto (figura 2). Assim, da mesma maneira que uma pessoa traumatizada carrega as dores e as marcas de experiências danosas, ela deixa de ser a mesma pessoa depois do trauma. As imagens que compõem a instalação, ao serem costuradas, representam o sofrimento dos escravizados, que, por muitas vezes, perderam familiares e não conseguiram voltar à terra natal. Além das dificuldades para preservar sua cultura e sua religião, os africanos escravizados ainda tiveram que conviver com a imposição do cristianismo e a inferiorização de suas crenças. Para Paulino, trata-se da reflexão sobre o trauma da escravidão brasileira, que causou marcas físicas e psicológicas. A instalação conta também com vídeos e mãos em madeira.

Sobre o título *Assentamento*, a artista reflete acerca da cultura e da identidade afro-brasileiras, como também representa o terreiro de acordo com as religiões de matriz africana. Para ela, “é onde se encontra a força da casa, seu axé” (ibidem). Rosana Paulino, com suas obras, rememora a história do Brasil e o contexto escravista, ascendendo a figura da mulher negra como protagonista e possibilitando uma espécie de reparação, ao trazer à tona o sofrimento do povo que sentiu na pele as dores da escravidão. A artista realiza, assim, uma conexão entre arte e história, derrubando barreiras entre diferentes campos do conhecimento.

A importância do estudo de personagens como Luís Gama e Rosana Paulino na educação básica

A escola e os professores estão inseridos, mesmo que sem uma busca intencional por po-

litização das práticas pedagógicas, na correção de acidentes estruturais da história e educação brasileira. A escola deve segurar certas manchas da história, deixando explícito essas contradições estruturais, sendo assim um importante instrumento na transformação das estruturas sociais na qual criamos nossa cultura e identidade (SAVIANI, 2013).

Nesse cenário de lutas políticas pelo currículo, espaços e tempos, a educação ainda necessita recorrer a leis que garantam o ensino de determinados conteúdos que se mostram fundamentais na busca de uma prática educativa que não endosse silêncios, preconceitos e racismo. Como o ensino da história e da cultura afro-brasileiras que se tornou obrigatório nos ensinos fundamental e médio (das redes pública e privada) por meio das leis nº 10.639, de 2003, e nº 11.645, de 2008. A primeira diz respeito ao ensino das histórias africana e afro-brasileira, demonstrando a importância delas para a formação da identidade nacional. Se pensarmos no destaque dado à história europeia ao longo dos anos, a inclusão da obrigatoriedade da história da África representa um avanço, mesmo que mostre a dificuldade que nossas escolas e professores enfrentaram em incluir essas temáticas já presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Se considerarmos nossas origens africanas, que se deram por meio da colonização portuguesa e da imposição do sistema escravocrata, veremos que aquele modelo de ensino era insuficiente.

A história da África se tornou um grande desafio à educação brasileira, visto que nos referimos a um continente no qual encontramos vários países e culturas diferentes, do mesmo modo como presenciamos histórias independentes e diferentes crenças e religiões. Uma história que se reflete no Brasil, tendo sido trazida pelos navios negreiros. Em 2008, a Lei nº 11.645,

regulamentou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africanas, afro-brasileiras e indígenas. Lembrando que os obstáculos enfrentados para se conquistar a inclusão da história indígena assemelhavam-se aos dos afrodescendentes, já que estamos falando de uma grande diversidade de povos que integram nosso território. Isso nos revela, mais uma vez, o atraso do sistema de ensino, que durante séculos negligenciou a importância desses povos na formação do país.

A concretização dessas leis segue nos esforços diários dos profissionais da educação na desconstrução de formações eurocêntricas, por meio da inclusão de questões etnicorraciais nas práticas pedagógicas, ainda que tímidas de propostas e abordagens de combate ao racismo. Nossa intenção, nesta breve consideração sobre *A importância do estudo de personagens como Luís Gama e Rosana Paulino na educação básica*, é refletir sobre como o conhecimento desses personagens contribui na valorização da história e da cultura afro-brasileiras, além de demonstrar possíveis estratégias interdisciplinares que reconheçam os escravizados como sujeitos históricos, desse modo, apresentando a importância da dimensão histórica das obras de Luís Gama e de Rosana Paulino.

A leitura dos poemas de Gama pode estabelecer conexões entre a literatura e a história, como vimos anteriormente, pois expõe pela prática poética sua vida e as relações étnico-raciais do seu tempo. Luís Gama faz parte da história do Brasil tanto como um escritor que sofreu na pele as dores da escravidão quanto como um advogado que lutou a favor das causas abolicionistas. Como abolicionista, apresentou estratégias eficazes para a libertação dos escravizados — estratégias estas que foram repetidas por seus seguidores (estudantes de direito). Além disso,

Gama teve presença marcante na imprensa brasileira, manifestando seu posicionamento sobre o sistema escravocrata e a política do país. Sua trajetória de escravizado à intelectual presentes nessas breves informações já demonstram quanto fundamental foi seu papel para o Brasil.

Mas retornemos à poesia de Gama possibilitando uma maneira de criar as conexões interdisciplinares. A leitura de versos como os de *Saudades do escravo* pode auxiliar o aluno a compreender as condições desumanas a que eram submetidos os corpos negros e as subjetividades de seus pensamentos, sentimentos e resistência, buscando uma aproximação empática capaz de fomentar trocas e debates. Assim como escritores abolicionistas¹² usavam a literatura para comover a população, um poema escrito por alguém que foi escravizado pode nos sensibilizar a respeito de um momento tão cruel de nossa história, ao mesmo tempo que nos aproxima dela. *Saudades do escravo* apresenta as dores físicas e psicológicas vividas por Gama e manifesta a presença dos castigos e das torturas sofridas pelos escravizados. Naquele momento, o poeta não descreveu somente sua vida, mas a de muitos outros que viviam sob as mesmas condições.

O autor nos traz também a esperança, certamente compartilhada por aqueles que sonhavam e lutavam pela liberdade. Em trechos como “Escravo — não, indo vivo” (GAMA, 1850), ainda que o poeta mencionasse a morte e as

12 Destacamos a produção da escritora negra Maria Firmina dos Reis e sua obra *Úrsula*, romance original brasileiro, de 1859. Na história, a autora apresentou o escravizado como nobre e fiel, em oposição ao seu senhor como um bárbaro. Já em *As vítimas-algozes* (1869), Joaquim Manuel de Macedo demonstrou a escravidão como uma instituição bomba, ao mostrar o escravizado que matou seus senhores e a mucama que corrompeu a sinhazinha. Ainda poderíamos nos lembrar da importância da poesia de Castro Alves, que difundiu a compaixão pelo escravizado.

misérias da escravidão, a afirmação de não ter perdido sua liberdade ganhava força com “Sou livre, embora captivo. Sou livre, ainda não morri. Meu coração bate ainda” (idem). Na educação básica (ensinos fundamental e médio), torna-se necessário aproximar alunos de narrativas e personagens históricos que lutaram contra a escravidão, dando destaque a luta de personagens históricos negros, não apenas como cativos e subservientes, mas capazes lutar por sua liberdade e escrever sua história. Ao falar de Gama em sala de aula, podemos evidenciar a importância da educação na formação de indivíduos conscientes das desigualdades sociais presentes na sociedade, pois ele só pôde confrontar seu “dono” por meio do conhecimento que o possibilitou confrontar o sistema hegemônico da época, além de ter lhe apresentado a lei que o libertaria. Podemos também enfatizar a perseverança do poeta que, mesmo sem poder cursar o ensino superior, criou estratégias para sair da condição imposta aos escravizados e negros de classes baixas na época. De livre a escravizado, de liberto a advogado e escritor. Uma parte da história do Brasil, que poderia se resumir apenas às dores da escravidão, torna-se uma lição de resistência.

Outros poemas presentes em *As Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* podem confirmar a dimensão histórica da obra de Luís Gama, a exemplo de *Junto à estátua: no jardim botânico de São Paulo*, em que o autor rememora sua vida como escravo no estado, ou ainda quando descreveu sua visão crítica sobre militarismo, em *A Guarda Nacional*. Não faremos uma análise de cada poema, visto que intencionamos apontar as possibilidades de conexões interdisciplinares. Nossa proposta consiste no possível diálogo entre as aulas de língua portuguesa e de história, com a leitura dos poemas (em diversas atividades, como rodas de leitura) e

a proximidade de fatos históricos relevantes para cada etapa do ensino básico, que devem se adequar à realidade dos alunos. Cabe ao professor escolher as formas de aproximação entre as diferentes áreas do conhecimento, pois estamos expondo as diversas perspectivas que dependem da reflexão do profissional em relação às suas práticas pedagógicas.

A arte de Rosana Paulino, assim como as obras de Gama, apresenta parte da história do Brasil, como vimos em *Assentamento*, de 2013. A artista possibilita a aproximação da arte com a história, por meio de obras que nos fazem refletir sobre os traumas, presentes na sociedade, advindos da escravidão. Ela expõe também uma riqueza de técnicas artísticas que destacam o protagonismo do negro no país, da mesma maneira como reforça a importância do conhecimento de nossa ancestralidade. E nos propicia, além disso, compreender o modo como os escravizados viviam e as condições a que eram submetidos, como percebemos na série de obras (desenhos e instalação) que compõem *Ama de leite*. Ao apresentar as obras de Paulino em sala de aula, podemos proporcionar ao aluno a experiência de refletir sobre as problemáticas originadas com a escravidão, como o racismo e o silêncio em se reconhecer como uma sociedade racista.

As obras de Paulino permitem, ainda, conexões entre o campo de conhecimento da história com práticas artísticas, possibilitando ao professor incentivar o aluno a experimentar a criação com as técnicas apresentadas pela artista — como o desenho, a colagem, a fotografia, o bordado e a instalação. O educador pode se inspirar, por exemplo, em produções como *Parede da memória* (1994-2015) e orientar os alunos para que pesquisem suas origens (entrevistando seus familiares), construindo uma espécie de árvore genealógica a partir de fotogra-

fias, como fez a artista. Do mesmo modo, pode propor a pesquisa de dados da violência em relação aos negros e pardos no país (disponíveis em sites oficiais e jornais regionais e nacionais), trabalhando com os dados na criação artística - O aluno é conduzido a se perceber observador do objeto e com ele criando laços, uma relação dialética própria, percebendo seu percurso pelos dados da pesquisa e a realidade em a escola está inserida. Lembrando que Paulino realizou algo semelhante ao expor fotografias de mulheres negras vítimas de violência e de preconceito, na série *Bastidores*.

Mas retornemos à proposta de dialogar com os diferentes campos do conhecimento, como a arte, a educação e a história. Trata-se de um resgate de nossa história como forma de valorizar a influência africana na formação da sociedade por meio do conhecimento histórico e do protagonismo negro em ressignificar através de linguagens artísticas sua história, além de promover debates que estimulem o espírito crítico no ambiente escolar, de modo a incentivar a criatividade com propostas de atividades de produção escrita ou artística, fomentando a reflexão em relação à dimensão histórica, principalmente. Apresentar esses personagens — Luís Gama e Rosana Paulino — na educação básica pode ser uma forma de ampliar as possibilidades interdisciplinares, além de proporcionar experiências que auxiliem os alunos na compreensão do passado e das problemáticas atuais.

Considerações finais

As práticas interdisciplinares possibilitam uma aprendizagem significativa que auxiliam o aluno a estabelecer conexões entre diferentes campos do conhecimento. Nossa proposta foi apresentá-las enfatizando a dimensão histórica das obras de Luís Gama e de Rosana

Paulino, como forma de proporcionar essas experiências interdisciplinares por meio das produções desses personagens. Luís Gama é um importante personagem da história do Brasil, representando tanto o movimento abolicionista quanto a literatura brasileira, com poemas que evidenciavam sua própria história, assim como possibilitavam compreender a condição dos escravizados. Rosana Paulino tem como intenção o desejo de reparação e da valorização do negro por meio da arte e da revitalização da história, além de discutir as problemáticas históricas, sociais e políticas advindas do período escravocrata.

Apresentar as produções de Luís Gama e de Rosana Paulino na educação básica pode auxiliar no entendimento dos alunos em relação ao conhecimento da história afro-brasileira, visto que ambos evidenciam momentos importantes dessa história. Gama faz parte da história do Brasil, enquanto Paulino rememora o período escravocrata com o objetivo de mostrar o escravizado como sujeito histórico, destacando sua importância na formação da sociedade. Se pensarmos na conexão entre literatura e história, a leitura da obra de Gama pode ser facilitar a compreensão dos alunos a respeito da condição de vida dos escravizados e seus sentimentos, levando em consideração a possibilidade de uma aproximação empática. Obviamente, as possibilidades das práticas pedagógicas são diversas, uma vez que dependem da percepção do professor em relação ao assunto, com a reflexão a respeito da realidade dos educandos e de sua própria relação com a temática.

Da mesma, a exposição das produções artísticas de Paulino aos alunos, depende de uma análise do profissional no que se refere ao seu cotidiano em sala de aula. Sendo assim, o educador deve levar em conta algumas particularidades, como a série escolar, o nível de interpretação

e de conhecimento prévio do aluno. Como vimos, as possibilidades são inúmeras, como a leitura em roda de conversa e o incentivo das práticas artísticas através de diferentes técnicas, em especial com ênfase na interpretação de texto e de imagem. Cabe ao professor decidir como realizar as conexões interdisciplinares, até mesmo buscando o apoio dos colegas de outras áreas, com a parceria na elaboração e na execução de atividades. Compreendemos que as obras de Luiz Gama e de Rosana Paulino podem proporcionar ainda uma ampla reflexão sobre o processo de escravidão, as questões decoloniais, o racismo e a violência no contexto atual. O ensino das histórias africana, afro-brasileira e brasileira, propriamente dita, de forma interdisciplinar, pode reforçar essas questões, do mesmo modo como também oferece novas perspectivas educacionais e sociais.

Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da Colônia. A condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1759-1822.** Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Edunb, 1993.

ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888).** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CAMPOS, Adriana P; MOTTA, Kátia Sausen. **Escravo até prove-se o contrário: petição do liberto Delfino à Câmara dos Deputados (1826).** In: CAMPOS, Adriana Pereira; SILVA, Gilvan Ventura da; MOTTA, Kátia Sausen da (Org.). *O espelho negro de uma nação: a África e sua importância na formação do Brasil.* Vitória: Edufes, 2019, v. 1, p. 141-158.

CARNEIRO, Sueli. **Estrelas com Luz Própria.** In: *Revista História Viva. Edição Especial Temática no 3. Temas Brasileiros.* ISSN 1808-6446. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política.** São Paulo: Boitempo, 2017.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino.** São Paulo: Typographia Dous, 1859.

GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas & outros poemas Luiz Gama.** Edição preparada por Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GAMA, Luiz. **Com a palavra, Luiz Gama poemas, artigos, cartas, máximas.** Apresentação e notas de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2005.

SAVIANI, Demerval. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 25–46, 2013. DOI: 10.9771/gmed.v5i2.9697. Disponível em: //periodicos.ufba.br/. Acesso em: 4 set. 2021.

Thays Alves Costa

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestrado em Artes pela Ufes (2018). Licenciatura em Artes visuais pela Ufes (2015). Desenvolve pesquisa sobre Arte Bruta. Integra o projeto Vida e obra de Gerd Bornheim: correspondência, recensões e datiloscritos originais sobre Filosofia da Arte e História da Filosofia (Fapes 2021).

Diego Ribeiro

Mestrando em Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciado em Artes Visuais (2016) e bacharel em Arquivologia (2011). Pesquisa a relação entre os processos de criação e práticas pedagógicas de professores-artistas.